

A educomunicação como voz das juventudes em situação de vulnerabilidade, no protagonismo da educação¹

Antonio Roberto CHIACHIRI²
Rafael Sad Assis CORRÊA³
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Resumo: O presente artigo tem como objeto a educomunicação e as juventudes. O objetivo é entender de que maneira a educomunicação pode contribuir para melhorar a educação, na voz das juventudes. A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação, por meio da qual, com envolvimento dos (as) jovens que participam de organizações sociais, foi proposto um projeto de intervenção educacional. A partir do aprimoramento da escuta atenta das juventudes, e da acolhida de sua diversidade, percebeu-se que mais que respostas para determinadas questões, as juventudes pesquisadas, querem ser acolhidas, respeitadas, e acima de tudo, viverem.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Educomunicação. Juventudes. Acolhida.

As novas conjunturas e sociabilidades, as quais estamos inseridos, exigem estudos ainda mais sistematizados e aprofundados acerca das condições que caracterizam essas ambiências. A quantidade de informações e o uso inadequado de padrões e de estereótipos prejudicam as leituras dessas realidades e, muitas das vezes, distanciam esses contextos reais (ou essas existências) e geram interpretações que são paradigmas e não conceitos fundamentados.

Um grupo rotulado, social historicamente estigmatizado e marcado por grande diversidade é a juventude. Embora o Estatuto da Juventude de 2013 defina jovens como pessoas entre 15 e 29 anos, essa definição precisa ser ampliada para englobar outras

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Semióticista, Pós-doutor pela Université Paris 1 - Sorbonne, Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo - Líder do grupo de pesquisa Semio Humanitas do PPGCOM/UMESP - Membro do conselho editorial da Revista Hermès - CNRS - França, Membro da ORBICOM (Rede das Cátedras UNESCO de comunicação), Membro do comitê científico da ORBICOM. E-mail: archiachiri@gmail.com

³ Educomunicador, atualmente professor de comunicação, design e multimídia com as juventudes no Ensino Médio Técnico e em cursos livres. Mestre em Comunicação pela UMESP, especialista em Juventudes no Mundo Contemporâneo pela PUC-GO, e também especialista em Comunicação e Design Digital pela ESPM-SP, bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Vila Velha UVV-ES. E-mail: rafaelsad0308@hotmail.com

características importantes, como as formas de organização, participação, os territórios que frequentam, seus rituais, vestimentas, comunicação e o uso de tecnologias.

Helena Wendel Abramo (2005) e Juarez Tarcisio Dayrell (2003), sociólogos pesquisadores da juventude, defendem a existência de "várias juventudes", reconhecendo a pluralidade de contextos sociais, culturais e econômicos que moldam a experiência juvenil. A pesquisa de Abramo e também de outros pesquisadores, apresenta quatro paradigmas sobre o conceito de juventude. 1) A juventude como período preparatório: valorizando a educação formal, mas reduzindo o jovem a um futuro em detrimento do presente; 2) a juventude como etapa problemática: focando nas questões de saúde e comportamento, mas simplificando e ignorando os contextos; 3) o jovem como ator estratégico do desenvolvimento: destacando o protagonismo dos jovens na transformação de seus territórios, mas negligenciando a cidadania; 4) e a juventude cidadã como sujeito de direitos: reconhecendo a singularidade do grupo e defendendo políticas públicas específicas, mas ignorando o potencial dos jovens como protagonistas na formulação dessas políticas.

O diálogo, defendido por Paulo Freire (1998) como ferramenta de transformação, é fundamental para compreender e trabalhar com a juventude, desprendendo-se de paradigmas e assumindo o papel de agentes com as juventudes, e não para elas e muito menos sobre elas. A tecnologia, presente em nossas vidas, facilita essa abertura ao diálogo, conectando pessoas, reconfigurando práticas e rompendo paradigmas, impulsionando o poder transformador dos sonhos.

Diante dessa nova realidade, onde a comunicação se descentraliza e as ferramentas se democratizam, é urgente repensar a relação entre comunicação e educação. O modelo tradicional, em que a mídia de massa detinha o poder (comunicação), e nas salas de aula o professor transmitia conhecimento de forma "bancária", cede lugar a uma nova ambiência que exige estratégias e métodos inovadores, valorizando a experiência dos alunos e seus repertórios prévios. E também nos espaços de comunicação, evidenciar os contextos em que se encontram os "receptores". A convergência entre comunicação e educação exige que educadores e comunicadores explorem as potencialidades dessa nova dinâmica para otimizar os processos educativos e comunicativos.

O presente artigo tem como objetivo geral entender de que maneira a educomunicação pode contribuir para melhorar a educação, na voz das juventudes. Para alcançar esse objetivo, a investigação se aprofunda em aspectos específicos, como a compreensão da percepção dos jovens sobre comunicação e educação e como eles

vivenciam essa relação em suas experiências, ouvir diretamente os jovens para que eles expressem como a comunicação pode auxiliar na melhoria da educação para sua própria geração, investigar a visão de jovens que participam de coletivos, sobre as contribuições do projeto para suas aprendizagens em sala de aula e conectar as contribuições dos jovens em relação às situações de aprendizagem com a proposta pedagógica da Base Nacional Curricular Comum - BNCC .

Para isso, o artigo será dividido em três partes: na primeira parte, será apresentado o referencial teórico utilizado a partir da metodologia da pesquisa exploratória e bibliográfica fundamental para aproximação e inserção no campo de estudos e conceitos da área. Feito isso, a metodologia usada será a da pesquisa-ação⁴.

Na segunda parte será apresentado um diário de bordo com um resumo dos principais acontecimentos da trajetória da pesquisa-ação, finalizando na terceira parte com uma análise do que foi ouvido a partir da proposta de intervenção piloto e também dos indicadores-chave definidos pelo grupo ao longo do processo.

O espaço-tempo em que aconteceu o processo de pesquisa-ação foi a organização social, Aldeia do Futuro , localizada na Zona Sul de São Paulo, mas especificamente no bairro Americanópolis. A organização possui 30 anos de história e de comprometimento com o território e é mantida por empresários.

O objetivo da Aldeia é ser um espaço profissionalizante com programas voltados à solução de problemas sociais relacionados à educação, à cultura, à cidadania e à empregabilidade de adolescentes e jovens da região.

Definido o espaço de atuação da pesquisa, a organização da investigação se deu em etapas. Após a realização da pesquisa exploratória, a metodologia da pesquisa-ação foi aplicada, com a apresentação da proposta à equipe técnica da organização social, que colaborou na formação do grupo de pesquisa com adolescentes e jovens participantes. A metodologia da pesquisa-ação envolveu ativamente os adolescentes e o pesquisador no processo, estimulando a participação dos jovens como co-pesquisadores.

Tendo sido formada a equipe, foram realizados encontros para alinhar propostas, definir ações, metodologias e possibilidades. Com o plano definido, o grupo executou as ações, utilizando indicadores para avaliar os resultados. Após a execução, o grupo de

⁴ A pesquisa-ação, na definição de Cicilia Peruzzo é uma metodologia de pesquisa que possui características como: o grupo sabe que está sendo investigado, mas também conhece os objetivos da pesquisa e participa do processo de sua realização. Ela implica em pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estarem envolvidos de modo cooperativo e participativo em todo processo, o que resulta em benefícios para o próprio grupo estudado, pois a pesquisa-ação ajuda na solução de problemas *In loco*. (Peruzzo, 2005, p.138)

pesquisa analisou os resultados, elaborando um projeto de intervenção tanto para a organização social pesquisada quanto para as escolas de Ensino Médio que os jovens participantes frequentam.

Para melhor identificação das ações que seriam realizadas, viu-se a necessidade de criar um nome para grupo e também um logotipo. Iniciamos, após o fechamento das ideias de atividades, um brainstorming para o nome.

A escolha do nome do grupo aconteceu de forma rápida e natural, a partir das palavras "evolução", "educação" e "voz", que resultaram em combinações como "evolução para educação" e "voz da educação". Lembrando da brincadeira de um dos membros no primeiro encontro, que imaginava o grupo no programa "The Wall" pedindo dinheiro para o projeto ao Luciano Huck, chegamos à ideia de chamar o grupo de "Voz de All". "All" significa "Aldeia" em abreviação, "todos" em inglês, e também tem a mesma fonética de "Wall", que significa "muro" em inglês. A escolha do nome "Voz de All" simboliza o desejo de que o grupo seja um espaço seguro, que surgiu na Aldeia, mas que busca ultrapassar os limites da instituição. O grupo quer ser um espaço onde todos e todas podem participar, ter voz, participar e ser protagonistas. Após a escolha do nome, o logotipo foi criado de forma colaborativa.

Após um processo de pesquisa e debate, o grupo "Voz de All" propôs a criação do projeto piloto "Nós Priorizamos Você!", ou NVP, um espaço dentro das escolas e organizações que visa valorizar e priorizar os jovens, criando um ambiente de escuta e protagonismo. O objetivo principal é acolher e escutar os estudantes, criando grupos NVP nas escolas e reconhecendo os alunos como protagonistas de suas histórias.

O processo de pesquisa-ação, à luz do ideal educacional, fez-nos perceber uma palavra central quando pensamos na escola ideal: acolhida. Acolhida esta quando falamos de respeito, de abertura ao diferente, de entender as diversidades. Nas diversas situações compartilhadas pelos jovens que participaram dos espaços propostos pelo Voz de All nota-se uma similaridade: a capacidade destrutiva que uma fala de um(a) (as) professor (as) pode ter. Talvez, algumas pessoas possam justificar essas atitudes como falta de informação e formação adequada, porém diria que, além disso, falta comunicação, diálogo.

Na voz das juventudes que participaram do grupo de pesquisa, a escola que acolhe é aquela que: "se preocupa com o bem-estar individual dos alunos, além do desempenho acadêmico. Que é uma escola humanizada, que se afasta do modelo tradicional e engessado. É onde o professor se importa com a vida dos alunos, oferecendo atividades extras e criando um ambiente de respeito e diálogo. Onde a escuta é fundamental, e a

escola precisa agir com responsabilidade em casos de bullying, não ignorando os problemas e dando suporte às famílias.” (Participantes).

O projeto de intervenção "Nós Priorizamos Você!" é flexível e se adapta às necessidades de cada escola, priorizando a voz dos estudantes. A busca por acolhimento e escuta revela a necessidade de garantir os direitos básicos dos jovens, especialmente o direito de sonhar, muitas vezes negado pela realidade. Com afeto e diálogo, podemos nos tornar interlocutores nesse processo, permitindo que os jovens construam seus sonhos com suas próprias capacidades, principalmente a comunicação. A pesquisa levanta inquietações e provocações que inspiram novas pesquisas e ressaltam a importância do afeto como elemento fundamental para um diálogo autêntico e transformador. Porém algumas questões e inquietações surgem desse processo:

A escuta ativa realmente pode transformar a realidade das juventudes? Será que a escola enxerga a saúde mental como um problema e investe em soluções? E o bullying, o racismo, a homofobia? Devemos depender apenas do direito penal ou investir em educação para lidar com essas questões? Será que os jovens não reproduzem os mesmos paradigmas que criticam? E se eles debatessem mais sobre isso?

A tecnologia está expandindo as salas de aula, mas será que não precisamos de menos alunos para garantir a escuta e o afeto? Professores estão preparados para lidar com áreas como projeto de vida? Existe investimento em profissionais qualificados para essas aulas? A educação é só responsabilidade da escola? Como as outras instituições estão contribuindo?

Comunicadores, mesmo os que acreditam na educomunicação, estão preparados para trabalhar com fala e escuta como "produtos"? O afeto precisa ser parte do ecossistema educacional? Será que precisamos de uma alfabetização para o afeto antes do letramento midiático?

O presente artigo, fruto do processo de pesquisa-ação com as juventudes, não teve como objetivo buscar apenas respostas para determinadas questões, mas sim, novas perguntas que nos aproximam das juventudes, que querem, acima de tudo, viver!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. Em Abramo, Helena W., & Branco, Pedro P. M. (Orgs.), Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro**. In:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01º jul. 2022.

DAYRELL, Juarez. **A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. 2007. Educação & Sociedade, 28(100), p. 1105–1128. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Acesso em: 26 jun 2023.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. 2003 (24), p.40–52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>. Acesso em: 26 jun 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PERUZO, Cicilia Maria Krohling. (2005). **Observação participante e pesquisa-ação**. Em Duarte, J, Barros, A (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação (p. 125-145). São Paulo: Atlas.